



Estudos Sobre Corpo e Sexualidade: debates em movimento

Daviane Rodrigues Ribeiro ¹

Resumo

O presente artigo se configura como um conjunto de reflexões a partir da produção, em psicologia e áreas correlatas, sobre corpo e sexualidade. Em decorrência do formato reflexivo, organiza os debates não por meio de uma metodologia previamente definida, mas sim, pela busca de indicativos teóricos e históricos sobre o estudo dos objetos em questão. Pretende aproximar o leitor de alguns movimentos e referências investigativas que são predominantes quando se trata de estudos sobre corpo e sexualidade - como é o caso dos estudos sobre gênero e problematizações propostas pelos movimentos sociais que foram e, ainda são, desafiadores para a ciência psicológica. Retoma a importância da psicanálise freudiana, do ponto de vista histórico, para os estudos iniciais sobre o universo temático em questão. A partir disso, apresenta indicativos que demonstram a pertinência das contribuições da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt para ler criticamente as questões relativas ao corpo e sexualidade. Por fim, procura refletir sobre a necessidade de assumir a crítica às condições concretas de existências impostas pela sociedade capitalistas, como condição para a compreensão dos objetos em questão.

Palavras-chave: Corpo; Sexualidade; Teoria crítica da Escola de Frankfurt.

Abstract

This article brings a set of reflections from the production, in psychology and related areas, about body and sexuality. Due to the reflective format, it organizes the debates not by means of a previously defines methodology, but by the search for theoretical and historical indications about the study of the objects in question. It intends to bring the reader closer to some movements and investigative references that are prevalent when it comes to studies on body and sexuality – as it the case with studies of gender and problematizations proposed by social movements that were and still are challenging for psychological science. Resumes the importance of Freudian psychoanalysis, from the historical point of view, for the initial studies on the thematic universe in question. Based on that, it presents indications that demonstrate the relevance of the contributions of the Frankfurt School Critical Theory to critically read the issues related to the body and sexuality. Finally, it seeks to reflect on the need to assume criticism of the concrete conditions of existence imposed by capitalist society, as a condition for understanding the objects in question.

Keywords: Body; Sexuality; Frankfurt School Critical Theory

¹ Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Graduada em Psicologia com Bacharelado e Licenciatura, pela Universidade Federal de Goiás. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA). E-mail: ribeiro_daviane@hotmail.com





O presente artigo visa, de modo sucinto, oferecer ao leitor indicativos gerais sobre o corpo e a sexualidade¹ que, ao longo do tempo, já figuraram de diferentes maneiras como objetos de estudo e investigação para a Psicologia. O texto que se segue, configura-se como um conjunto de reflexões e recortes, não sistematizados, que compuseram momento inicial da pesquisa de mestrado intitulada *Corpo reificado e formação do indivíduo no capitalismo tardio* (Ribeiro, 2017). O objetivo desse artigo, na época, era justamente compor a aproximação e estudo sobre a relação entre corpo e sexualidade, levantando algumas considerações teóricas que permitissem visualizar diferentes componentes no contexto de investigação.

O intento de compartilhar esse material de estudo em forma de artigo, parece ter pertinência atual por conter indicativos introdutórios que podem ser válidos a quem procura se aproximar dos estudos relativos ao corpo e sexualidade. Apresento referências e considerações históricas sobre esses objetos, passando por pontuações sobre reducionismo biológico; contribuições dos movimentos sociais; reconhecimento histórico das contribuições psicanalíticas e, sobretudo, indicativos de contribuições provenientes da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt.

Do reducionismo biológico ao encontro com os movimentos sociais.

Entre os enunciados iniciais produzidos pelas ciências *psi*, principalmente na figura da psiquiatria e psicologia, não foi raro, ao longo da história, localizar ramos deterministas e conservadores, fortemente marcados por pressupostos inatistas, produzindo conhecimento que foram fortemente difundidos, sobre o corpo e, principalmente, sobre a sexualidade em suas possíveis expressões. A produção de Foucault em *A*

história da sexualidade I – A vontade de saber (1977), *II – O uso dos prazeres* (1984) e *III – O cuidado de si* (1985), documenta e discute criticamente, inúmeras formas de poder e discursos que demonstram os interesses de higienização dos corpos e controle da sexualidade, os quais tem perdurado ao longo de certas práticas científicas.

No que se refere mais especificamente ao campo da psicologia evidencia-se o predomínio, nas perspectivas psicobiológicas, da compreensão da sexualidade como uma função do corpo (Elias, 1995). Por ser uma função que também tem aspecto afetivo, ela seria compreendida como biológica e psicológica, sendo as determinações biológicas definidoras dos traços psicológicos. Elias (1995) afirma que para esse ramo de compreensão, a sexualidade tem o objetivo primeiro de reprodução da espécie e o prazer é um subproduto da sua real finalidade. Esse tipo de postura por parte da psicologia pode ser considerado como uma das marcas predominante dos modelos normativos, herdados do positivismo e das ciências biológicas de forma geral.

Concepções desse tipo tiveram nos saberes *psi* um suporte ímpar na elaboração dos conhecimentos. Um dos campos ilustrativos é justamente aquele relacionado às patologias psíquicas relacionada a formas de prazer corporal e sexualidade. Os desvios sexuais, as perversões, foram historicamente diagnosticados como desordens orgânicas e psicológicas em relação ao exercício da sexualidade. A definição da sexualidade homossexual como patológica ou mesmo a reafirmação constante de uma suposta inferioridade da mulher em relação ao homem são apenas alguns exemplos de reducionismos biológicos e, conseqüentemente, atendeu a diversos interesses ideológicos ao longo do tempo.

¹ Ao longo do artigo, nota-se, em certos momentos, o uso de corpo, sexualidade e gênero. Importante reconhecer que não existe mera equivalência entre esses

objetos/dimensões constitutivas da subjetividade-objetividade, mas sim uma relação de mútua determinação.





A própria construção das noções de normal e patológico pautados em critérios fortemente deterministas, foram mantidos ao longo da história, principalmente pelo prisma da neutralidade científica. As noções de normal-patológico e saúde-doença só passaram a ser alvo de críticas quando se revelou que esses binômios, bem como seus critérios definidores, são socialmente estabelecidos (Canguilhem, 2000). O processo de questionar o estabelecimento do patológico se desdobra da compreensão de que os critérios de normalidade podem se estabelecer a partir dos interesses socialmente dominantes. Consequentemente, o próprio critério diagnóstico, resguarda em si o potencial de controle e reprodução social.

Diferente do que se pode imaginar, a mudança gradual (ainda em curso) nesse cenário, não se deu por um simples movimento de autocritica da própria ciência, reconhecendo sua não neutralidade e assumindo posição frente as desigualdades e violências psicossociais existentes em relação aos controles destinados aos corpos e sexualidades. Na verdade, os pequenos avanços, hoje comemorados, decorrem das fortes provocações provenientes de movimentos sociais, que passaram a ocorrer de forma proeminente a partir dos anos 60 (feministas, homossexuais, pacifistas e raciais) e provocaram intenso clima de transformação cultural e oposição a ordem vigente (Paiva, 2008). A emergência de movimentos sociais, como o feminista e de outras minorias sexuais e étnicas, foram responsáveis por denunciar práticas e produções de saberes desiguais e violentos.

No que se refere à psicologia, o encontro proporcionado por estes atravessamentos não ocorreu com pouca tensão, principalmente em decorrência de sua herança positivista e normativa (Prehn & Hüning, 2005). A oposição realizada pelo movimento feminista, movimentos raciais e o fortalecimento dos estudos de gênero, geraram profundos questionamentos aos saberes

científicos em relação aos binômios normal/patológico, branco/negro, sexo/gênero, homem/mulher, feminino/masculino, homossexualidade/heterossexualidade, além de fomentarem as pautas LGBTTI (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e intersexuais).

O alvo desses questionamentos - apesar de assumir diferentes ênfases teóricas, metodológicas e práticas - era a predominância da figura do homem, branco, heterossexual e burguês como medida para o estabelecimento daquilo que deveria ou não ser considerado normal dentro do modelo de sociedade vigente. A história feita e contada por esse personagem, admitido como universal, colocava todos os diferentes e destoantes à margem dos processos sociais decisórios e de direitos básicos. A naturalização das desigualdades historicamente estabelecidas implicava (e ainda implica) no cerceamento das figuras de margem em relação à realidade como um todo. Esta padronização também foi responsável por produção de saberes distorcidos, ideológicos, atuando como reforçadores de estereótipos e capazes de fomentar as justificativas para diversas desigualdades sociais.

De modo mais específico ao campo dos debates sobre corpo e sexualidade, a partir desses embates históricos, a categoria gênero passou a ser empregada como um importante instrumento de crítica em oposição aos saberes predominantes. Na perspectiva dos estudos de gênero compreende-se que as diferenças entre os sexos são marcadas pelo corpo físico e as de gênero são dadas nas relações sociais (Strey, 1998). A partir dessa compressão se fortaleceu a crítica ao determinismo na relação entre diferenças sexuais física-gênero-desejo, permitindo repensar categorias e mesmo teorizar sobre novas configurações estabelecidas atualmente. Isso porque, compreende-se que toda sociedade conta com sistema de gênero, ou seja, *um conjunto de arranjos através dos quais a sociedade transforma a biologia sexual em produtos da atividade humana e nos quais essas*





necessidades transformadas são satisfeitas (Strey, 1998, p. 183).

A importância das contribuições dos estudos de gênero é inegável não só para o campo da psicologia, mas também para as ciências em geral. No específico da psicologia, pesquisas têm sido feitas tanto para compreender o impacto proporcionado pelos estudos de gênero e do movimento feminista, quanto sobre a produção dos saberes psicológicos partir desses marcos (Nuernberg, 2005), esse tipo de investigação também tem ocorrido nas produções das ciências sociais (Citeli, 2005). Consta ainda, propostas de que gênero passe a ser compreendido como novo campo científico, o campo de gênero e feminismo (Matos, 2008). Defende-se, a partir das abordagens construtivistas, a possibilidade de a psicologia redescobrir a sexualidade, dessa vez, sem pretensões universalistas (Paiva, 2008)².

Parte considerável dos debates sobre corpo e sexualidade mais difundidos hoje, estão sob o prisma das perspectivas pós-modernas. Nomes como Judith Butler e Paul Preciado, reservadas as devidas diferenças existentes, são representantes dos debates mais atuais e possuem forte influência na produção brasileira sobre gênero, performance de gênero, *queer*, identidade transgênero e transexuais, mudanças corporais, entre outros. Por outro prisma epistemológico, mais propriamente dentro dos debates fundados no materialismo histórico e dialético, autoras como Heleieth Saffioti e Silvia Federici, ofertam contribuições fundamentais para a análise das questões de gênero e suas implicações na sociedade capitalista. Portanto, para aqueles que buscam entender as perspectivas predominantes atualmente é relevante reconhecer, mesmo que introdutoriamente, as contribuições dentro desse conjunto de perspectivas trazidas por

essas autoras. É importante reconhecer a necessidade de realizar leituras e travar diálogos com produções epistemologicamente diversas. Isso permite o movimento em torno de certos debates e é imprescindível para a construção de processos de produção de conhecimento crítico.

De Freud à Escola de Frankfurt: outras contribuições sobre corpo e sexualidade.

A leitura dos debates atuais sobre corpo e sexualidade deve manter a atenção para não cair no risco de esquecer do passado e produzir um conhecimento supostamente inédito, contudo sem novidades. Não se trata, obviamente, de proceder a mera assimilação de reflexões anteriores aos debates hoje existentes, mas, antes, de reconhecer aquilo do passado que não passou e que, portanto, mantém certas questões e contribuições teóricas vivas. Exemplo disso, são as contribuições freudianas, elas definitivamente não cabem, tal e qual, dentro do campo de debates sobre corpo e sexualidade, atualmente marcado pelas tendências pós-modernas. Para alguns, pode-se afirmar que a psicanálise foi inclusive superada, representando certas concepções que pertencem ao passado. Afirmações dessa ordem, apressadas e reducionistas, tendem a ver no passado o que é retrógrado e o presente, o progresso. Perdem-se do debate atento e tendem a ignorar a importância histórica sobre os diferentes olhares sobre objetos em questão.

Isso porque, a psicanálise freudiana tem importância inquestionável quando se trata de estudos sobre corpo e a sexualidade. Ela antecede cronologicamente as contribuições anteriormente apresentadas, mas ainda se faz de uma atualidade inegável. Os estudos freudianos expandiram o campo de compreensão da sexualidade humana a tal

² Em relação a este tipo de proposta, estendemos as críticas realizadas acima em específico às perspectivas pós-modernas. É possível afirmar que das diversas vertentes do pensamento pós-moderno (ou agenda pós-

moderna) estão o multiculturalismo, teorias sociais construcionistas, construtivistas e também os pós-estruturalistas (Derisso, 2010; Arendt, 2003).



ponto, que ainda hoje, seja pelo viés da crítica e recusa dos pressupostos freudianos, seja por aceitá-los, somos devedores de suas contribuições. É Freud (1905/1996), que ao discorrer sobre a sexualidade humana afirma que, anterior à função reprodutora, está a busca do prazer sexual, o qual pode ser obtido de diferentes maneiras pelo corpo. Ou seja, apesar das diferentes tendências biologicistas que vieram a predominar no campo da psicologia, a psicanálise freudiana já anunciava que o prazer é a meta primeira, já a reprodução seria uma consequência possível. O autor também pontou que a vida sexual teria início no nascimento, não estando especialmente vinculada às fases avançadas do desenvolvimento orgânico.

Segundo Freud (1905/1996), a vida sexual é ampla e se efetiva enquanto busca de prazer por meio das diferentes zonas do corpo, sendo a genitalidade apenas umas dessas zonas. Desse modo, não se pode confundir sexualidade e genitalidade, já que a primeira é abrangente enquanto a outra trata-se de uma especificidade (Freud, 1905/1996). Essas considerações pontuais sobre a base da sexualidade humana presentes na psicanálise freudiana foram e ainda são revolucionárias. Entre outras contribuições, a teoria freudiana revelou a sexualidade como algo intrínseco ao homem, presente desde sua infância; colocou em questão os tabus sociais que recaiam sobre a sexualidade, ponto que pode ser notado com clareza a partir da compreensão freudiana de que as perversões não configurariam patologias por si só, mas seriam possibilidades integrantes da sexualidade de todos.

As dinâmicas de prazer-desprazer que vão ser intrínsecos à organização psíquica do sujeito na sua relação com a cultura também foram discutidas por Freud (1927/1996; 1920/2006; 1930/2010). Esses elementos permitiram visualizar o jogo de forças entre o desejo e a possibilidade existente na realidade para satisfação desse desejo. Jogo que, na concepção freudiana, é sempre injusto, pois para manutenção da cultura não é possível

permitir que o indivíduo obtenha a satisfação exatamente como deseja. Entrave que permite compreender que a regulação por parte da cultura do quanto de prazer o indivíduo pode obter, também é termômetro da qualidade das mediações que constituem a ambos. Em outras palavras, a qualidade e a quantidade de satisfação que a cultura pode oferecer como experiências de gratificação individual, nos indicam elementos que são determinantes da sociedade que vivemos.

As articulações entre corpo e sexualidade, prazer-desprazer e cultura, colocam Freud como um autor que deve, minimamente, ser considerado quando se trata dos estudos sobre esses objetos. Imprescindível, também, para construção de críticas, inclusive as direcionadas ao próprio autor, quando demonstra aspectos conservadores e machistas, presentes na psicanálise freudiana e que se configuram como pontos de formação importantes para leitura crítica no campo de estudos sobre corpo e sexualidade.

As contribuições críticas provenientes da psicanálise freudiana são parte imprescindível da proposta da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Autores como Theodor Adorno, Walter Benjamin, Max Horkheimer e Herbert Marcuse, cada um ao seu modo, reconhecem a importância da psicanálise como possibilidade de compreender os mecanismos de atuação da violência e manutenção da barbárie no mais profundo da constituição do indivíduo (Rouanet, 1983/2001). Obviamente que as críticas tecidas pelos frankfurtianos encontram fundamentos na psicanálise, mas não só nela. Sendo possível afirmar, com Rouanet (1983/2001), que os frankfurtianos produzem leituras principalmente a partir de Freud e Marx, mas também contra Freud e Marx. Assim como não seria possível definir uma única fonte teórica isolada sustentando a perspectiva frankfurtiana, também não é possível afirmar que esses autores se dedicaram a único objeto de estudo e investigação.





Os diferentes percursos realizados pelos integrantes da Escola de Frankfurt levaram às análises sobre arte, trabalho, sexualidade, indústria cultural, educação, entre outros, como um concreto pensado, que tem por base o reconhecimento da barbárie em progresso na realidade vivida hoje. As temáticas transversais aos diferentes autores da primeira geração da Escola de Frankfurt, resguardadas as particularidades das perspectivas apresentadas por cada um deles, estão concentradas no anunciado por Adorno e Horkheimer (1947/1985a, p. 11): *nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie.*

Compreender a discrepância entre as bases materiais conquistadas e uma organização social muito aquém do que poderia ser, ou seja, a barbárie como reprodução da violência e sacrifício sempre supérfluos, apresenta-se como motriz para as análises oferecidas pelos autores. Cada um deles, individualmente e, também, por meio de reflexões compartilhadas, se dedicou a produzir leituras, críticas e contribuições para se pensar a relação indivíduo-sociedade em suas múltiplas determinações dentro da sociedade capitalista. Reconhecendo a necessidade de superação desse modo de produção de vida que tem, em sua própria estrutura, a reprodução de desigualdades.

Os frankfurtianos se dedicaram à produção de conhecimento sobre objetos diversos, porém, interligados como uma constelação. Assim, diferentes obras desses autores ofertam ricas contribuições para o estudo do corpo e sexualidade, perpassando inclusive os debates sobre a constituição do indivíduo moderno; fratura entre sensibilidade e razão; coisificação do corpo, homem enquanto mercadoria; os desdobramentos dos mecanismos presentes na indústria cultura (Horkheimer e Adorno, 1947/1985); e, reflexões sobre como o controle dos corpos e da sexualidade, se configurariam como formas

de manutenção de uma falsa liberdade característica do sistema capitalista (Marcuse, 1955/1975; Marcuse, 1964/1967).

No que se refere a produção de conhecimento sobre corpo e sexualidade, a partir da perspectiva frankfurtiana, podemos indicar estudos contemporâneos que procuram tensionar a questão da técnica, formas de consumo e, também sobre as produções midiáticas (Zuin, 2006; Vaz, 2004; Pedrossian, 2008; Bassani & Vaz, 2008; Santos & Mederos, 2011). As reflexões sobre técnica e indústria cultural emergem como possibilidade de crítica à forma em que ocorre na atual sociedade o entrelaçamento das forças produtivas industriais e das relações produtivas capitalistas (Adorno, 1968/1986). A progressiva expansão e intensificação da ideologia que encobre e amortece – por meio do controle do tempo livre e do contínuo alinhamento do homem à máquina – as possibilidades de liberdade e felicidade. A busca desenfreada por uma estética corporal perfeita ou mesmo pelo par ideal, tal qual aqueles anunciados pela mídia e cinema, como incrementos mercadológicos e reforçadores da lógica do sacrifício de si e do outro.

Além, mas não desvinculados dos debates sobre técnica e indústria cultural, importantes reflexões também são desenvolvidas por Leon Crochík (1998; 2000; 2005; 2010) sobre a formação do indivíduo burguês, em suas dimensões racionais e sensíveis. O autor problematiza a necessária fragmentação entre corpo e psique como processo de formação que remonta a períodos muito anteriores à era moderna. Segundo Crochík (2005), Horkheimer e Adorno, em *Dialética do Esclarecimento*, ultrapassam o estabelecimento da propriedade privada, dilatando as possibilidades reflexivas do marxismo, revelando como a dominação tem se reposto na história humana como algo presente na constituição da própria civilização.

Temáticas que se concentram em torno do corpo, padrões estéticos, educação em interface com as questões sobre a



corporeidade, emoções, e as contribuições para análise da constituição do indivíduo burguês presentes principalmente no *Excursão I e II de Dialética do esclarecimento* (Vaz, 2004; Bassani & Vaz, 2008;2011; Hansen, 2005; Albino & Hammes & Vaz, 2011; e Brito, 2012), também tem sido frequentemente discutidas por pensadores brasileiros embasados nas contribuições frankfurtianas.

As múltiplas possibilidades de investida dentro das contribuições frankfurtianas e os diferentes olhares possíveis sobre o corpo e a sexualidade. A partir desse tipo de perspectiva, evidencia-se a constituição dialética e socialmente determinadas dessas dimensões da vida humana. Assim, ao destacar essas outras contribuições e olhares sobre questões relativas ao corpo e à sexualidade, buscamos demonstrar fontes de produção de conhecimento que podem contribuir para leituras críticas e atentas às mediações sociais definidas no contexto capitalista.

Para se pensar os desafios do hoje

Ao realizar os breves indicativos conceituais e articulações teóricas acima apresentadas, busca-se reafirmar a importância dos estudos das dimensões psicossociais relativas ao corpo, sexualidade, e seus múltiplos desdobramentos, para a formação e atuação do psicólogo. A aproximação de estudos sobre corpo e sexualidade, não se trata de algo específico a determinadas abordagens em psicologia ou de interesse exclusivos de certas áreas de atuação. Compreender, debater e olhar atentamente para questões sobre sexualidade, corpo e gênero, são exigências da própria realidade social onde o profissional de psicologia atua. Aprender a reconhecer as suas manifestações e determinantes, é o que revela suas diferentes especificidades, que ora se apresenta como sofrimento psicossocial anunciado pelo sujeito

na clínica, ora se manifesta nos desafios presentes nas lutas por mudanças sociais.

O destaque que tais debates têm assumido atualmente deve-se, sobretudo, ao esforço de múltiplos movimentos sociais que, como mostrado acima, tem criticado as diferentes áreas científicas e acadêmicas que contribuem ideologicamente na manutenção de lógicas teórico-práticas desiguais e cegas frente às violências e problemas decorrentes das relações de classe, raça e gênero. Resistir e desafiar a produção de conhecimento hegemônica exige, de início, o reconhecimento de que a forma como interferimos e pensamos a realidade, não é neutra.

Isso significa que a atuação da psicologia, enquanto ciência e profissão, produz efeitos objetivos que podem ser favoráveis à manutenção das relações existentes, ou críticos e contestadores. É quase redundante afirmar que cada um dos profissionais e a psicologia em geral, atua politicamente sobre o mundo. Dos pressupostos teóricos à escolha dos instrumentos metodológicos, o fazer científico é determinado e determinante de processos sociais, possuindo implicações éticas e políticas³. A não neutralidade científica, exige consciência dos efeitos produzidos pelo conhecimento e prática profissional e tomada de posição frente aos desafios postos pela realidade.

Nos processos psicossociais que emergem das questões relativas ao corpo, sexualidade e gênero, psicologia tem sido convocada para responder a dados alarmantes que indicam retrocessos e perda de direitos, assim como o avanço de lógicas violentas. Alguns fatos podem ser ilustrativos sobre os desafios e contradições com as quais o profissional de psicologia e a própria ciência se deparam. Esses exemplos não serão explorados de forma exaustiva, eles são indicativos de movimentos e tendências sociais

³ Para leituras mais aprofundadas sobre o papel do psicólogo e as implicações éticas-políticas da atuação

profissional, principalmente no contexto da América Latina, ver Martín-Baró (1996) e Yamamoto (2012).





e serão apresentados com o intuito de demonstrar a magnitude dos problemas enfrentados e que estes não se referem a determinada abordagem teórica ou área de atuação, mas se fazem presentes em todo tipo de contexto, impactando diretamente a vida dos indivíduos e relações sociais.

Um desses exemplos pode ser visto no Projeto de Lei popularmente denominado de *Escola sem partido*⁴. É ilustrativo de movimentos que trazem como pautas centrais, debates a respeito das noções de gênero e sexualidade. Dentre os argumentos utilizados pelo movimento *Escola sem partido*, consta o suposto avanço de algo denominado de ideologia de gênero⁵, desse se desdobram argumentos como o ataque ao que é considerado como modelo único de família, existência de heterofobia, doutrinação político-partidária, entre outros. Esses discursos existem concretamente e se manifestam em formas de proibições, movimentos que visam censurar conteúdos educativos sem qualquer respaldo psicopedagógico sério, além de propiciar um clima social de perseguição à educadores e profissionais da saúde que realizam orientações promotoras de conhecimento para crianças e jovens em relação aos cuidados sobre o próprio corpo e desenvolvimento sexual.

Nos debates mais específicos sobre a atuação do psicólogo, o avanço de concepções retrógrada tem se revelado a partir de tentativas de relativizar e distorcer compreensões teóricas em favor de interesses específicos e questionar os próprios princípios éticos que orientam a profissão. A defesa de oferta de serviços de “reversão sexual”, popularmente conhecido como “cura gay”, é um importante exemplo desse tipo de situação. Segundo

movimentos articulados por alguns profissionais de psicologia e outros grupos interessados, formulou-se a proposição de que os profissionais deveriam poder ofertar terapias de reversão sexual, caso o paciente apresentasse a demanda de forma livre. Esse argumento, resultou em ação levada ao Superior Tribunal Federal (STF) que, fazendo sua parte na defesa dos direitos humanos, teve que reafirmar a resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 01/99, que deixa claro que é vedado ao profissional de psicologia ofertar qualquer tipo de prática que tenha como finalidade “reversão sexual”⁶.

Nesse mesmo contexto, outras contradições se perpetuam. A conquista da Lei 11.340 de 2006, conhecida popularmente como Lei Maria da Penha, é acompanhada por dificuldades de implementar medidas educativas e preventivas, para além da punição dos autores de violência doméstica e de gênero. Situação que acaba por ser traduzida nos números crescentes de feminicídio revelados no Atlas da Violência⁷. Dois outros exemplos podem ser indicados como processos psicossociais que exigem atuação crítica do psicólogo e que perpassam aspectos relativos à sexualidade, corpo e gênero: dificuldades em promover os debates sobre saúde sexual e reprodutiva, especificamente sobre a descriminalização do aborto e a lgbtfobia que tem se manifestado por inúmeras ações, incluindo o extermínio de sujeitos pertencentes às minorias sexuais.

Os exemplos acima, ilustram os desafios que se desdobram e se apresentam nos múltiplos contextos em que o psicólogo atua. Nesse sentido, é importante que o profissional e psicólogo em formação, atente-se que para estar preparado para identificar e atuar frente a

⁴ <https://www.escolasempartido.org/>

⁵ Noção de que existe um plano doutrinador direcionado, principalmente, à crianças e adolescentes em fase escolar, com o intuito de promover a homossexualidade e o fim da família heterossexual. Para maiores detalhes ver Projeto de Lei que institui o Programa Escola sem Partido e a página oficial do movimento.

⁶ Para mais informações sobre, ver: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=409367>.

⁷ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>



esse tipo de problemática psicossocial, é necessário se aproximar de referências teóricas e práticas comprometidas com a defesa dos direitos humanos e transformação social. Em uma sociedade estruturalmente desigual, que tem reposto formas de opressão e violência de classe, raça e gênero (em seus múltiplos entrelaces e desdobramentos), assumir a posição crítica frente as desigualdades, exige crítica também à própria ciência psicológica. No que se refere aos estudos sobre sexualidade e corpo, torna-se premente atuar no sentido de reconhecer e buscar superar perspectivas inatistas, essencialistas, supostamente neutras, que estão na base de visões individualistas e, conseqüentemente, da lógica que reduz tudo o que destoa da norma, como patológico.

A defesa das múltiplas formas individuais de constituição e relação que perpassam a dimensão do corpo e da sexualidade, exige crítica e resistência às formas de socialização que cerceiam, criminalizam e convertem o que é diferente em inferior e desigual. Nesse sentido, a psicologia deve assumir posição clara e contestadora contra todo tipo de argumentação que viole ainda mais os direitos e interesses dos grupos que tem sido historicamente oprimidos.

Assim, assumir que tais processos não são fatos isolados ou problemáticas restritas a determinadas abordagens ou espaços de atuação, é uma premissa básica. Os estudos sobre gênero, corpo e sexualidade, contribuem para a produção de conhecimento e formação de profissionais em psicologia, justamente por expandir a capacidade de compreensão dos processos de violência e sofrimento psicossociais, fundamentando não apenas o olhar atencioso para o indivíduo que é vitimado e manifesta o seu sofrimento singular, mas também a possibilidade de leitura crítica dos processos sociais que atuam como fomentadores dessas violências.

Referências

- Albino, B.S.; Hammes, P. D.; Vaz, A. F. (2011). Sobre o bem-estar na revista Boa Forma: corpo, lazer, normalização. *Educ. Real.* [online], 36(2), 569-585. Resgatado em: 07/10/2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/view/12527>
- Bassani, J. J. & Vaz, J. (2008). Técnica, corpo e coisificação: notas de trabalho sobre o tema da técnica em Theodor W. Adorno. *Educ. Soc.* [online], 29(102), 99-118. Resgatado em 25/08/2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302008000100006>
- Bassani, J. J. & Vaz, J. (2011). Mimesis e rememoração da natureza no sujeito em Theodor W. Adorno: para pensar a educação do corpo na escola. *Proposições* [online], 22(1), 151-165. Resgatado em 07/10/2015. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/pr oposicoes/edicoes/texto950.html>
- Brito, S. M. (2012). Metáforas do corpo e emoções no pensamento de Adorno. *Revista brasileira de Sociologia da Emoção* [online], 11(33), 655-672. Resgatado em: 07/10/2015. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/SimoneBritoDos.pdf>
- Canguilhem, G. (2000) O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Ceteli, M. T. (2005). *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica*. Rio de Janeiro: CEPESC.
- Crochík, J. L. (1998). Os desafios atuais do estudo da subjetividade na psicologia. *Psicol. USP* [online], 9(2), 69-85. Recuperado em 28/08/2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.159/S0103-65641998000200003>.





- Crochík, J. L. (2000). Ulisses e Narciso: o abandono de si mesmo e o abandono de si mesmo. *Revista olhar* [online], 2(4), 1-19. Resgatado em 25/08/2015. Disponível em: http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar4/leon_crochik_REPAG.pdf.
- Crochík, J. L. (2005). Notas sobre a dicotomia corpo-psique. *Interações* [online], 10(19), 103-122. Resgatado em 25/08/2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000100006.
- Crochík, J. L. (2010). A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. *Psicol. USP* [online], 21(1), 31-46. Resgatado em: 27/10/2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000100003.
- Freud, S. (1905/1966) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (V. Ribeiro, Trad.). In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (vol. 7, pp. 119-229). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905)
- Freud, S. (1920/2006). Além do princípio de prazer (J. O. A. Abreu, Trad.). In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (vol. 18, pp. 11-75). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920)
- Freud, S. (1923/2011). O Eu e o Id (P. S. Souza, Trad.) In S. Freud, Obras completas 1923-1925 (vol. 16, pp 13-74). São Paulo: Companhia das Letras (Original publicado em 1923)
- Freud, S. (1927/1996) O Futuro de uma Ilusão (J. O. A. Abreu, Trad.). In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (vol. 11, pp. 15-66). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1927)
- Freud, S. (1930/2010). Mal-estar na civilização (P. C. Souza, Trad.) In S. Freud, O mal-estar na civilização, novas conferências à psicanálise e outros textos 1930-1936 (vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1930)
- Freud, S. (1915/2010). Os instintos e seus destinos (P. C. Souza, Trad.) In S. Freud, Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos 1914-1916 (vol.12, pp. 51-81). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1915).
- Foucault, M (1977). História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- Foucault, M (1984). História da Sexualidade, 2: O Uso dos Prazeres. 5.ed. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- Foucault, M (1985). História da Sexualidade, 3: O Cuidado de Si. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (1947/1985a). O conceito de esclarecimento (G. A. Almeida, Trad.). In M. Horkheimer & T. W. Adorno, Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos (pp. 17-46). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1947)
- Hansen, R. (2005). Notas sobre a posição do corpo no II Excurso da Dialética do Esclarecimento, de Horkheimer e Adorno. *Temas & Matizes* [online], (07), 9-16. Resgatado em 07/10/2015. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/viewFile/27/15>
- Elias, L. (1995). *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Uapê.



- Paiva, V. (2008). A psicologia redescobrirá a sexualidade? *Psicol. Estud.* [online], 13(4), 641-651. Resgatado em: 28/08/2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000400002>
- Pedrossian, D. R. S. (2008). O sofrimento do corpo e da psique sob a dominação social. *Psicol. USP* [online], 19(2), 159-180. Resgatado em 25/08/2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642008000200004>
- Prehn, D. R. & Hüning, S. M. (2005). O movimento feminista e a Psicologia. *Psicologia Argumento* [online], 23(42), 65-71. Resgatado em: 28/08/2015. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=179&dd99=view&dd98=pb>
- Strey, M. N. (1998). *Gênero*. In M. N. Strey (org.), *Psicologia social contemporânea* (6ed., pp. 181-198). Petrópolis: Vozes.
- Marcuse, H. (1955/1975). Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud (6ed., A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Original publicado em 1955)
- Marcuse, H. (1964/1967). A ideologia da sociedade industrial (G. Rebuá, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Original publicado em 1964)
- Martín-Baró, Ignacio. (1997). O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 2(1), 7-27. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>
- Matos, M. (2008). Teorias de gênero e teorias e gênero? Se é com os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Revistas Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(2), 333-357. Resgatado em: 28/08/2015. Disponível em:
- http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000200003
- Nuernberg, A. H. (2005). *Gênero no contexto da produção científica brasileira em psicologia*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, RS, Brasil.
- Ribeiro, D. R. (2017). Corpo reificado e a formação do indivíduo no capitalismo tardio. Orientadora: Kety Valéria S. Franciscatti. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de São João del-Rei - MG.
- Santos, L. A. & Mederos, J. F. S. (2011). A mercantilização do corpo: mídia e capitalismo como principais agentes da promoção do consumo e do mercado. *Revista espaço cultural* [online], 12(24), 107-112. Resgatado em 25/08/2015. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplura/article/view/7243>
- Vaz, A. F. (2004). Corporalidade e formação na obra de Theodor W. Adorno: questões para a reflexão crítica e para as práticas corporais. *Perspectiva* [online], 22(n.esp.), 21-49. Resgatado em 25/08/2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10336>
- Vaz, A. F. (2003). Da polifonia do corpo à multiplicidade de sua educação. *Perspectiva* [online], 21(1), 07-11. Resgatado em 07/10/2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10195>
- Yamamoto, Oswaldo H.. (2012). 50 anos de profissão: responsabilidade social ou projeto ético-político?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(spe), 6-17. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500002>



Zuin, A. A. S. (2006). A vingança do fetiche: reflexões sobre indústria cultural, educação pela dureza e vício. *Educ. Soc.*[online], 27(94), 71-90. Resgatado em

25/08/2015 Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a04v27n94.pdf>

